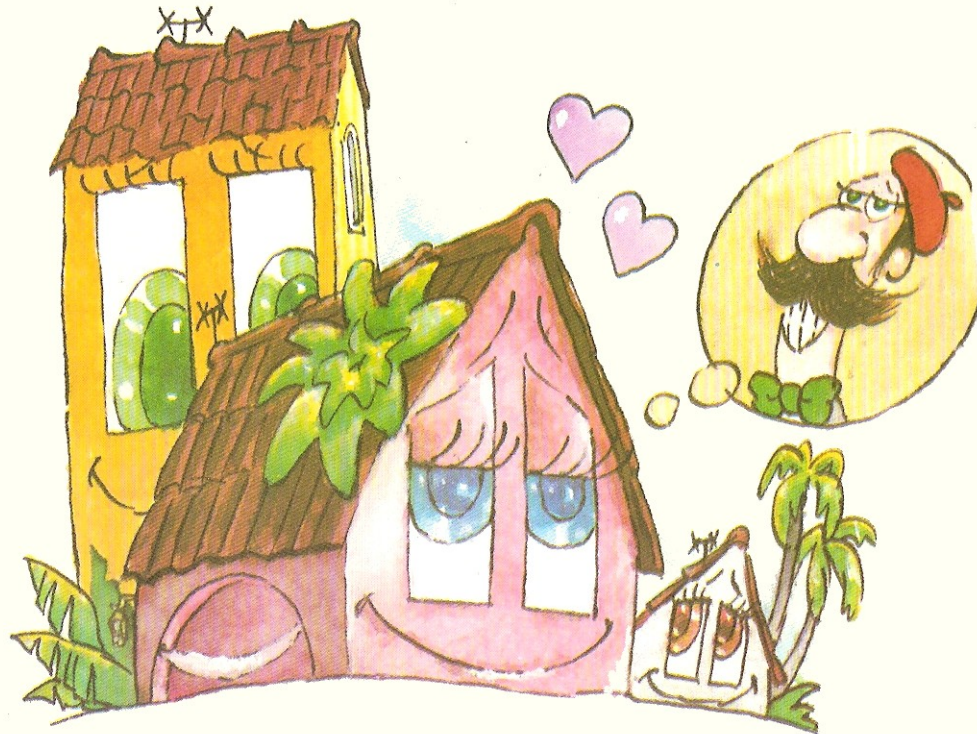




AS CASAS QUE FUGIRAM DE CASA



História: SYLVIA ORTHOF
Ilustrações: ALCY

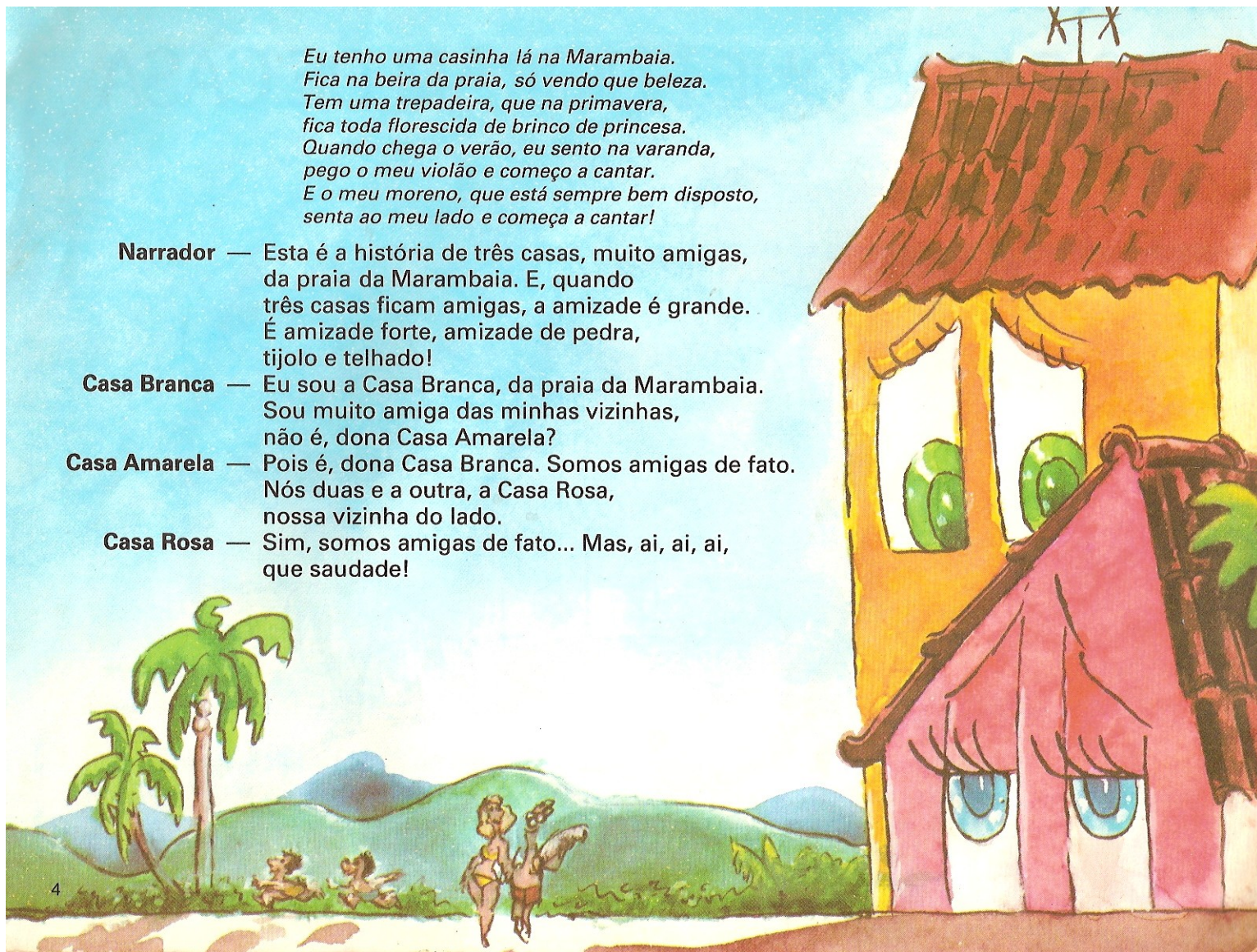
*Eu tenho uma casinha lá na Marambaia.
Fica na beira da praia, só vendo que beleza.
Tem uma trepadeira, que na primavera,
fica toda florescida de brinco de princesa.
Quando chega o verão, eu sento na varanda,
pego o meu violão e começo a cantar.
E o meu moreno, que está sempre bem disposto,
senta ao meu lado e começa a cantar!*

Narrador — Esta é a história de três casas, muito amigas, da praia da Marambaia. E, quando três casas ficam amigas, a amizade é grande. É amizade forte, amizade de pedra, tijolo e telhado!

Casa Branca — Eu sou a Casa Branca, da praia da Marambaia. Sou muito amiga das minhas vizinhas, não é, dona Casa Amarela?

Casa Amarela — Pois é, dona Casa Branca. Somos amigas de fato. Nós duas e a outra, a Casa Rosa, nossa vizinha do lado.

Casa Rosa — Sim, somos amigas de fato... Mas, ai, ai, ai, que saudade!





Narrador — De repente, a Casa Branca e a Casa Amarela repararam que a Casa Rosa estava meio abatida, pingando uma água, com jeito de lágrima triste, pelas telhas do telhado.

Casa Branca — Casa Amarela, veja só! Parece que a Casa Rosa está chorando!

Casa Amarela — Imagine! Casa não chora, dona Casa Branca! Deve ser chuva!

Casa Branca — Chuva? Mas não está chovendo! Hi... Veja agora... A Casa Rosa está fechando as janelas!

Narrador — E quer fechar a porta também! Mas, cuidado!

Gato — Miau! Ai, dona Casa! Olhe o meu rabo, cuidado! Ai, ai, ai, miau!

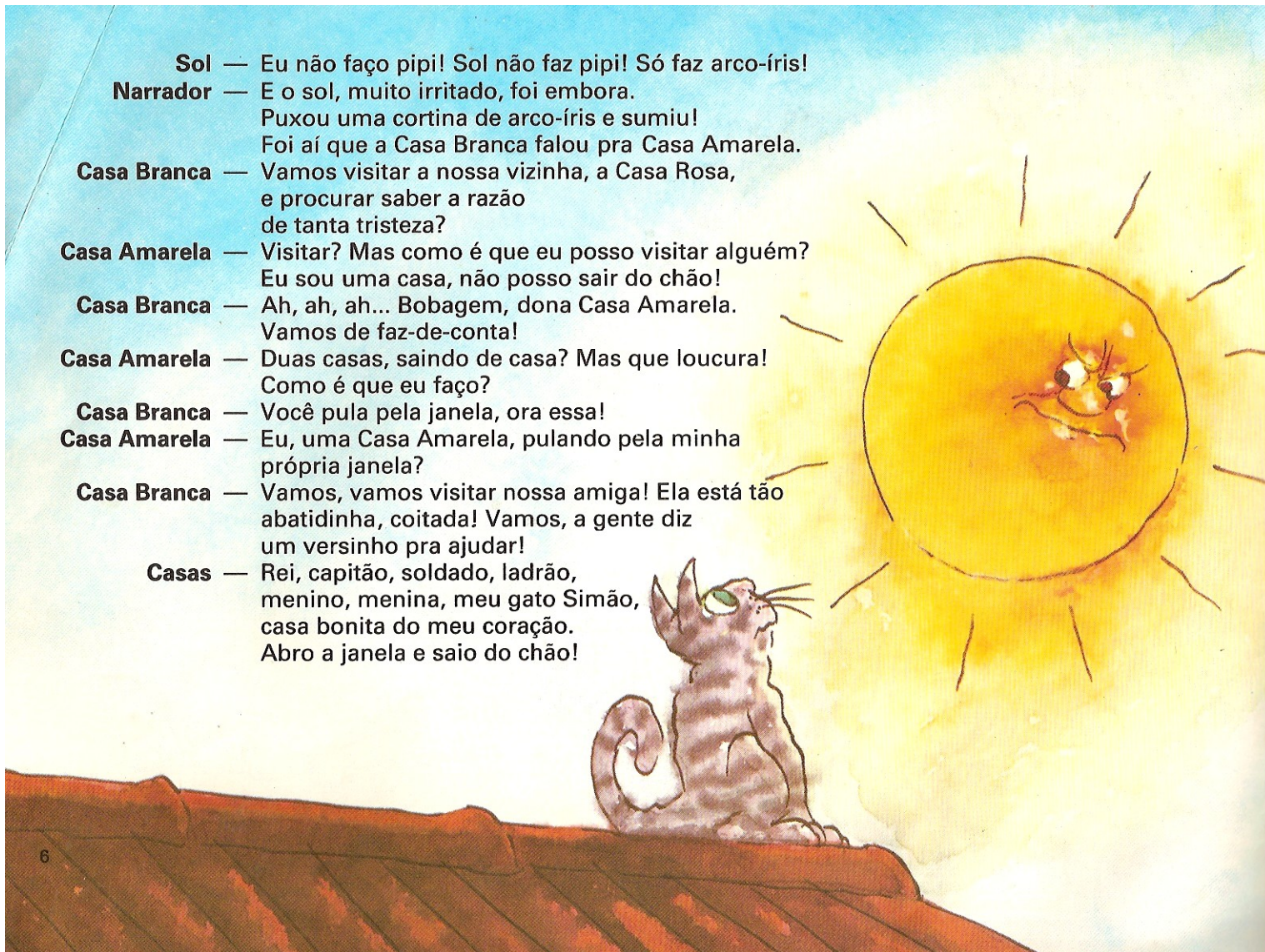
Narrador — Ainda bem que o gato pulou pro telhado!

Gato — Miau! Ai, o telhado está todo molhado! Será chuva? Mas o sol está no céu! Doutor Sol, por acaso o senhor cuspiu no telhado?

Sol — Cuspir, eu? Um sol tão educado como eu nunca iria cuspir em telhado!

Gato — Mas o telhado da Casa Rosa está molhado! Será... miau... será, Doutor Sol, que o senhor fez pipi, pipi de sol no telhado?

- Sol** — Eu não faço pipi! Sol não faz pipi! Só faz arco-íris!
- Narrador** — E o sol, muito irritado, foi embora.
Puxou uma cortina de arco-íris e sumiu!
Foi aí que a Casa Branca falou pra Casa Amarela.
- Casa Branca** — Vamos visitar a nossa vizinha, a Casa Rosa,
e procurar saber a razão
de tanta tristeza?
- Casa Amarela** — Visitar? Mas como é que eu posso visitar alguém?
Eu sou uma casa, não posso sair do chão!
- Casa Branca** — Ah, ah, ah... Bobagem, dona Casa Amarela.
Vamos de faz-de-conta!
- Casa Amarela** — Duas casas, saindo de casa? Mas que loucura!
Como é que eu faço?
- Casa Branca** — Você pula pela janela, ora essa!
- Casa Amarela** — Eu, uma Casa Amarela, pulando pela minha
própria janela?
- Casa Branca** — Vamos, vamos visitar nossa amiga! Ela está tão
abatidinha, coitada! Vamos, a gente diz
um versinho pra ajudar!
- Casas** — Rei, capitão, soldado, ladrão,
menino, menina, meu gato Simão,
casa bonita do meu coração.
Abro a janela e saio do chão!



Narrador — E as casas pularam pelas próprias janelas, saíram do chão e foram rodando, rodando, rodando...

*Ai, eu entrei na roda, para ver como se dança,
eu entrei na contradança, ai, eu não sei dançar!*

Narrador — E as duas casas foram bater na porta fechada da dona Casa Rosa...

Casa Rosa — Quem é? Eu... eu não posso abrir, não!
Eu... eu estou ocupada!

Casa Branca — Somos nós, vizinhas, somos suas amiguinhas do lado...

Narrador — A Casa Rosa estava tão triste, que não queria receber ninguém.

E inventou uma desculpa esfarrapada!

Casa Rosa — Eu, eu não posso abrir a porta porque...
porque... porque eu saí! Eu não estou em casa!

Casa Branca — Mas que desculpa mais boba! Abre, a gente só quer ajudar!

Casa Rosa — Esperem um pouco... Vocês saíram de casa e são casas? Pois então eu também posso sair!

Casa Branca — Claro que pode! E assim quem sabe a senhora se distrai um pouquinho!



Casa Rosa — É... eu estou precisando mesmo! Sabem, é que eu sou uma casa brasileira, mas tenho telhas e azulejos portugueses. E morro de saudade do meu dono, o seu Joaquim. Ele voltou pra Portugal... Ah! Era tão bom quando ele morava aqui comigo!

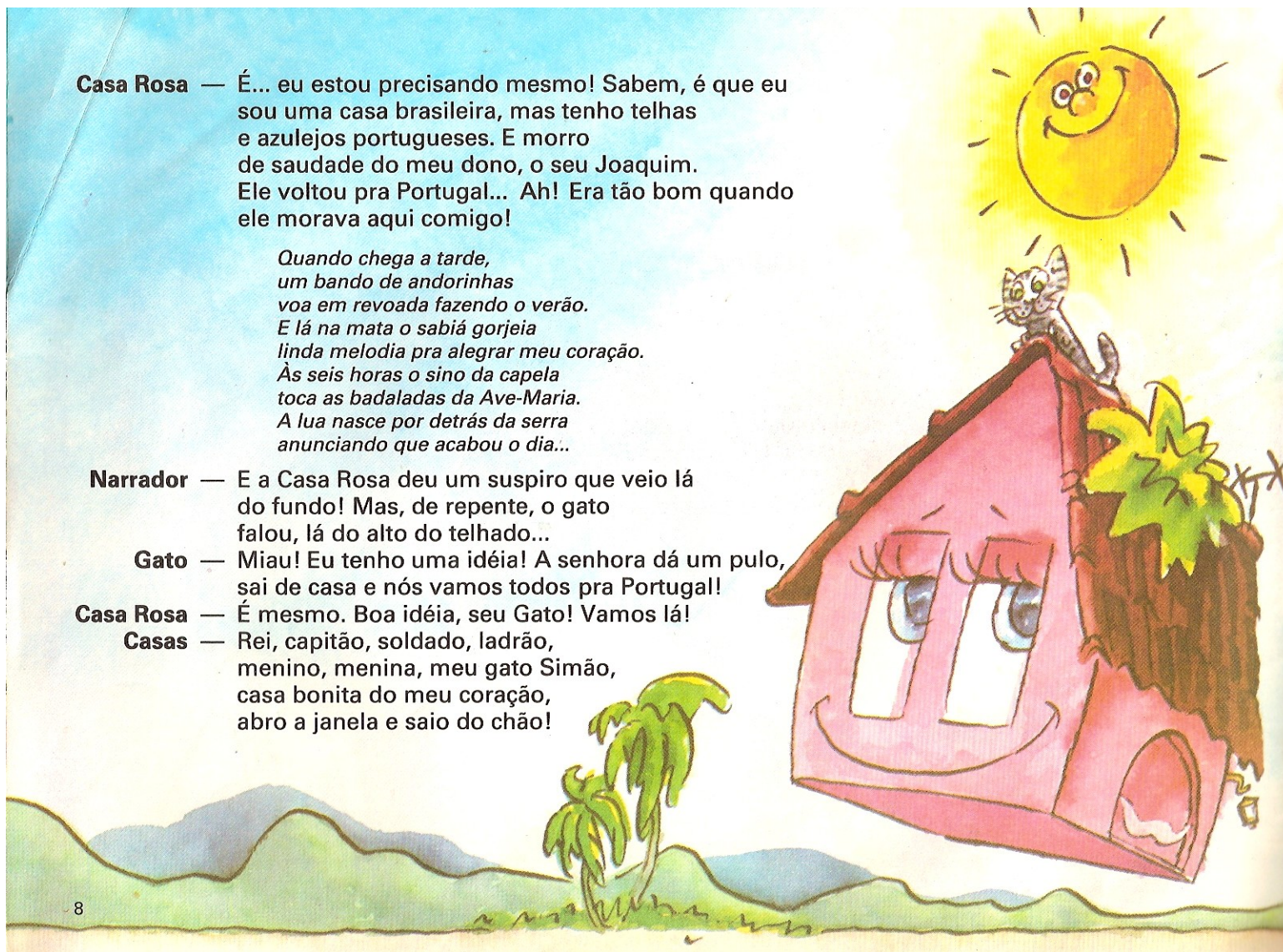
*Quando chega a tarde,
um bando de andorinhas
voa em revoada fazendo o verão.
E lá na mata o sabiá gorjeia
linda melodia pra alegrar meu coração.
Às seis horas o sino da capela
toca as badaladas da Ave-Maria.
A lua nasce por detrás da serra
anunciando que acabou o dia...*

Narrador — E a Casa Rosa deu um suspiro que veio lá do fundo! Mas, de repente, o gato falou, lá do alto do telhado...

Gato — Miau! Eu tenho uma idéia! A senhora dá um pulo, sai de casa e nós vamos todos pra Portugal!

Casa Rosa — É mesmo. Boa idéia, seu Gato! Vamos lá!

Casas — Rei, capitão, soldado, ladrão, menino, menina, meu gato Simão, casa bonita do meu coração, abro a janela e saio do chão!



Joaquim — Ai, Jesus! Será que esta casa sabe navegar?
Ai, Dom Henrique Infante, estou numa casa navegante!
Não batam no Cabo da Boa Esperança!

Narrador — E lá se foram as casas-barcas a motor
e mais o gato, é claro, a todo vapor! Seu Joaquim
vibrava de emoção!

Joaquim — Ai, me sinto Cabral, indo pro Brasil, saindo
de Portugal! Olhem, casas, caravelas,
vejam com vossos olhos de janelas: um porto
seguro! Chegamos, enfim! Já vejo
palmeiras! Serão da praia de Marambaia? Ai, terras
brasileiras, voltei pra vossas palmeiras!

Narrador — E as casas voltaram pro mesmo lugar! Saudade
é vontade de ir e de voltar...

Casa Rosa — Voltamos pro mesmo lugar, sim, mas com uma
diferença: seu Joaquim veio também!
E agora sou uma casa que vive bem! Uma casa
brasileira, com coração português!



- Gato** — E eu, miau... eu trouxe de contrabando
uma gatinha portuguesa, que é uma beleza, miau!
- Gata** — Miau, miau, pois, pois!
- Narrador** — E, na praia de Marambaia, a Casa Amarela ficou
de um lado, a Casa Branca de outro
e a Casa Rosa no meio...
- Casa Rosa** — Entrou por uma janela
e saiu por uma porta.
Quem não gostar desta história
pouco importa...
Sou Casa de Marambaia,
casa de beira de praia.
Mas se me der na veneta,
dou uma pirueta
e volto a ser lisboeta!

Eu tenho uma casinha...

